



Oficina 12: ORGANIZANDO A AÇÃO PARA A PAZ

Objetivos

1. Desenvolver a consciência da importância e necessidade do exercício da ação na educação para a paz.
2. Exercitar-se na dinâmica de facilitar a ação planejada e avaliação.
3. Sistematizar conhecimentos de dinâmicas de planejamento de intervenção.

Desenvolvimento da oficina

Primeiro momento: integração

1. *Pintura Alternativa*. Trata-se de realizar uma pintura em conjunto, com papel, pincéis e tinta. O grupo deve estar em silêncio. Colocar o papel e o material no centro da sala. Cada pessoa vai fazendo um traço no papel até que todos consigam terminar a "obra". Analisa-se os pensamentos e sentimentos vividos (cooperação, conflito, subordinação). Valorizará os obstáculos e a riqueza da cooperação.

Segundo momento: sensibilização

1. Memória da oficina anterior e apresentação dos objetivos desta.
2. *Minha cidade, meu país, meu mundo*. Dividir o grupo em três grupos, cada um recebendo um papelógrafo com um título diferente: "minha cidade", "meu país", "meu mundo". Durante 10 minutos cada grupo descreve duas experiências significativas para a construção da paz de acordo com o seu âmbito (cidade, país ou mundo). Cada experiência deve ser descrita em cerca de cinco linhas, de modo bem claro e objetivo. Depois, a um sinal do facilitador e no sentido dos ponteiros do relógio, cada grupo passa o seu cartaz para o grupo seguinte, por cinco minutos, onde novamente são acrescentadas duas novas experiências. Novo sinal e nova rotação e novo relato de duas experiências. Nova rotação até que chegue novamente o cartaz no grupo original.
3. Partilha dos sentimentos pessoais, descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica.

Terceiro momento: aprofundamento da temática

4. Introdução do facilitador.

O terceiro e último pilar metodológico é a ação. Aqui deve-se fazer uma distinção entre fazer e agir. Talvez uma das características da contemporaneidade é a multiplicação do fazer e a deterioração do agir. Fazemos muito e agimos pouco. A ação é aqui compreendida na sua dimensão pública, comunitária e política. Neste sentido, educar para a paz é empoderar, entendendo poder como capacidade de mudança e transformação para a paz.

5. Estudo do texto "Programas de ação" (Recurso de Apoio 1).
6. Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamentos.
7. Pontualizações do facilitador. É importante aprofundar os seguintes aspectos:
 - a expressão "o espetáculo das liberdades comunicativas" como proposta de uma ação pública;
 - as três formas de ação não-violenta: a não-cooperação a intervenção não-violenta e a publicização das ações pelas paz;
 - o equilíbrio o local e o global, o micro e o macro, a mudança pessoal e a transformação social;
 - a contribuição da educação para a paz: o desenvolvimento da auto-estima, a partilha de informações e a formação metodológica.

Quarto momento: síntese

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

8. Trabalho em pequenos grupos com papelógrafo:
 - Quais os princípios metodológicos para a construção de programas de ação para a paz?
9. Plenário.
10. Pontualizações do facilitador.



Quinto momento: reconstrução da prática

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

11. Momento de encontro em pequenos grupos, para, a partir do Recurso de Apoio 2 (Planejamento da ação), identificar ações e dinâmicas que facilitem o planejamento da ação.
12. Plenário.
13. Pontualizações do facilitador.

Pode-se ler – se houver tempo – ou apontar para uma leitura posterior do Recursos de Apoio 2 e 3: Planejamento da ação e Dinâmicas de planejamento da ação.

Sexto momento: avaliação

14. Por escrito: cada um escreve no seu diário, as idéias e sugestões trazidas por esta oficina e as perguntas a serem ainda perseguidas.
15. Socialização.

Sétimo momento: confraternização

16. Música “Por um dia de graça”, de Luiz Carlos da Vila.

Material necessário

1. Papel, pincéis e tintas.
2. Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
3. Papelógrafo.
4. Canetas hidrográficas.
5. Aparelho de som e música de fundo.

Bibliografia

- DREW, Naomi. *A paz também se aprende*. São Paulo: Gaia, 1990.
- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a paz: sentidos e dilemas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.
- _____. *Cidadãos do presente: crianças e jovens na luta pela paz*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- RABBANI, Martha Jalali. *La educación para la ciudadanía mundial*. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México, 2001.



Recurso de Apoio 1: Texto *Programas de ação para a paz*

Oficina 12

Programas de ação para a paz

Em nossas sociedades contemporâneas, observa-se um processo de deterioração das ações públicas, políticas e comunitárias: o agir em concerto é substituído por um coletivo ou justaposição de indivíduos isolados e a ação criadora do novo é trocada por uma coletânea de atividades pré-determinadas que se aproximam mais da repetição da fabricação que da condição de natalidade e criatividade própria da ação. Tem-se a ilusão da ação, mas não a ação propriamente. Trata-se, portanto, na busca de culturas de paz, de criar espaços que possibilitem a experiência comunitária, argumentativa e pública, com todos seus percalços, enfrentamentos e dificuldades. Oferecer aquilo que o filósofo alemão Jürgen Habermas (1929-) chama de “o espetáculo das liberdades comunicativas”.

Em se tratando de construção da paz, este espetáculo das liberdades comunicativas necessita atingir três níveis ou dimensões. Em primeiro lugar, o das relações interpessoais: assim como existe violência direta, é preciso uma paz direta, isto é, ações cotidianas que aproximam pessoas, que quebram barreiras, que criam, no aqui e no agora, experiências de paz. Um segundo nível atinge a dimensão estrutural: é preciso criar organizações, práticas culturais, políticas públicas, que facilitem práticas de paz e obstaculizem práticas de violência. Finalmente, é preciso atingir o âmago mesmo da cultura, isto é, os modelos de desenvolvimento e relação que regem relações e estruturas, transformando os centros de interesse, os valores, os critérios de julgamento, etc.

Basicamente, trata-se de uma iniciação ao vasto mundo do pacifismo e da não-violência, especialmente do aprendizado de suas três formas de transformação: a não-cooperação, a intervenção não-violenta e a publicização das lutas pela paz.

A não-cooperação é um termo técnico, não correspondendo a uma negativa de cooperação, mas a uma forma de obter consenso e acordo retirando, contraditoriamente, o apoio e adesão a algo. Como forma de resolução do conflito, retiram-se as formas e grau de cooperação costumeira com a pessoa, atividade, instituição ou regime com o qual se está envolvido em conflito, ou negam-se novas formas de ajuda, produzindo uma ruptura no cotidiano. Para Gandhi, o que fez o poder do império britânico na Índia foi, mais do que a capacidade de domínio dos ingleses, a resignação dos indianos: “Não são tanto as espingardas britânicas como a nossa cooperação que são responsáveis pela nossa sujeição... O governo não tem nenhum poder fora da cooperação voluntária ou forçada do povo. A força que exerce é o nosso povo que a dá. Sem o nosso apoio, cem mil europeus não poderiam sequer ter um sétimo das nossas aldeias”. Gandhi usou a não-cooperação como instrumento para discutir e debater com o poder britânico que se negava a um acordo ou uma tematização da questão da independência indiana. A marcha do sal foi realizada em 1930 e contou com milhares de manifestantes que desobedeciam frontalmente à proibição de fabricar o sal. Teve como consequência um encontro entre Gandhi e o vice-rei britânico nas Índias, no qual se encaminhou o Pacto de Nova Deli, assinado em 5 de março de 1931 e considerado um marco na constituição das liberdades civis. Desta forma, a mobilização dos cidadãos através de um ato de não-cooperação permitiu exercer uma coação sobre aqueles que tem o poder de decisão, permitindo um debate e posterior consenso.

A não-cooperação pode-se realizar em três âmbitos: social, econômico e político. Um exemplo de não-cooperação social foi o acontecido na Holanda, por ocasião da invasão nazista. Um diretor de teatro, pressionado pela polícia política a declarar no palco que as cortinas só se abririam depois que os judeus evacuassem a sala, viu todos os presentes, judeus e não-judeus, retirarem-se do recinto! Um exemplo de não-cooperação econômica foi o movimento dos negros de Montgomery, Estados Unidos, em 1956. Por 382 dias recusaram-se a andar de ônibus, até conseguir a revogação das leis discriminatórias que obrigavam os negros a ceder lugar para os brancos. Na linha de não-cooperação política pode-se lembrar a resistência contra a ocupação nazista na Dinamarca: quando oficiais alemães entravam em uma loja ou restaurante, todos faziam silêncio imediatamente ou se retiravam; às ordens de prender todos os judeus. Em 1943, a inteira população dinamarquesa colaborou em obstaculizar o plano nazista: dos 7.000 judeus dinamarqueses foram detidos 500.



Já a intervenção não-violenta, como diz o nome, procura intervir em alguma situação, porém de forma não-violenta. Fala-se de cinco categorias de métodos de intervenção não-violenta: intervenção psicológica, física, social, econômica e política. Um exemplo de intervenção psicológica é o jejum, utilizado por Gandhi para conseguir fazer parar as rivalidades entre hindus e muçulmanos - que infelizmente continuaram e provocaram a separação entre Índia e Paquistão e que até hoje continuam, agora travestidas no conflito da Caxemira. Na linha da intervenção física pode-se lembrar os anti-segregacionistas de Martin Luther King, que praticaram a ocupação de meios de transporte durante seu movimento em 1955-1956, impedindo que os brancos tomassem *seu lugar*. Exemplo de oração em protesto foi utilizado por Gandhi em Vykhom, para conseguir que os sacerdotes brâmanes deixassem de proibir que os intocáveis passassem na frente do templo. O gesto de Gandhi, ao tecer suas próprias roupas em oposição às ordens instituídas de apenas comprar tecidos ingleses, pode ser citado como um caso marcante de intervenção econômica.

Um terceiro caminho é o de mobilizar e suscitar o comprometimento das pessoas, contribuindo na construção e na formação de uma opinião pública para a paz. São vários os meios a serem utilizados: declarações formais, comunicações com uma audiência maior, representações de grupos, atos públicos simbólicos, pressões sobre indivíduos, peças teatrais e músicas, caminhadas, homenagem aos mortos, assembleias públicas e atos de retirar-se e renúncia. Porém, aqui, cabe destacar dois instrumentos de publicização: as manifestações e as campanhas. As manifestações podem servir para expressar um posicionamento - estar contra ou a favor de algo - ou um sentimento, ou, ainda, simplesmente informar. No contexto de monopólios culturais, esta ação de informar reveste-se de significado, como se viu em casos como o de Kosovo ou da Palestina: a comunidade internacional sabe realmente muito pouco do que acontece, dos sentimentos e posicionamentos das partes envolvidas ou dos grupos em ação em favor da paz. Já as campanhas se estruturam em torno de fins determinados, como por exemplo, a *Campanha Pelo Tribunal Penal Internacional*, objetivando obter da opinião pública um posicionamento. Aqui se trata de trabalhar na direção de criar consensos determinados sobre questões pontuais que afetam um grupo, país ou toda a humanidade.

Nesta iniciação ao vasto e magnífico mundo da ação pacifista, é importante que o educador cuide de articular aspectos que são complementares, tais como o local e o global, o micro e o macro, a mudança pessoal e a transformação social, de forma que o desconhecimento de um destes elementos pode causar um desequilíbrio.

Neste aprendizado da ação para a paz, cabe ao educador também incidir sobre:

- a) o desenvolvimento da auto-estima de cada um, como espaço fundamento e condição para que se aposte em suas potencialidades.
- b) o acesso a informações, as quais possibilitam novas perspectivas sobre o mundo e novos enfoques de agir;
- c) a apropriação de metodologia de intervenção e transformação da realidade.



Recurso de Apoio 2: Texto *Planejamento da ação* Oficina 12

Planejamento da ação

Depois que seu grupo estudou bem a questão que está na base de sua ação social, é hora de planejar e organizar a ação. Sem planejamento, há dispersão de forças, frustração e desânimo. Há choque contínuo e superposição de atividades. Desgastam-se energias inutilmente. É necessário, portanto, planejar. Deve-se tomar o cuidado de fazer o planejamento com os pés no chão, organizando somente aquilo que o grupo tem condições de realizar. Não receie investir tempo numa boa reunião de planejamento com seu grupo. Antes, porém, assegure-se que todo o grupo tenha cumprido muito bem o passo anterior: o do aprofundamento da temática com que se vai lidar. Caso contrário, o planejamento poderá encontrar como obstáculo um grupo despreparado.

Veja alguns passos a serem dados para seu grupo organizar um bom plano de ação.

Passo 1: Defina bem sua meta. Trata-se de precisar bem o que o seu grupo deseja realizar, decidindo qual será o foco dos seus esforços. Identifique as necessidades e as demandas às quais você e seu grupo desejam responder. Estabeleça bem o alvo e as metas. Lembre-se: as metas devem ser possíveis, concretas, mensuráveis, cronometráveis... Especialmente procure definir bem o público que seu grupo deseja beneficiar com a ação.

Passo 2: Estabeleça a ação. Aqui, faz-se necessário identificar o tipo de ação ou de ações que contribuirão para atingir mais eficazmente a meta proposta. Também se deve perguntar pela viabilidade de cada ação definida, bem como seu impacto diante da população beneficiada. Procure desdobrar a ação em todos os passos necessários.

Passo 3: Organize a estratégia. O segredo de uma ação está, muitas vezes, ligado a alguns cuidados a serem tomados para apoiar o que se vai fazer. Entre outros, esses cuidados seriam: identificar as pessoas com quem você poderá contar – parceiros – para a realização da ação; pensar como será feita a formação e a preparação das pessoas que irão atuar; organizar o contato com a mídia e a divulgação.

Passo 4: Distribua responsabilidades. É a velha questão da fábula dos ratos e do gato: depois que os ratos decidiram que o melhor para garantir sua tranquilidade era amarrar um sino no pescoço do gato, ficava em aberto a questão sobre quem iria executar esta decisão. É um ponto de estrangulamento de muitas ações. Defina bem os responsáveis pela execução de cada passo: quem faz, quando faz, onde faz e como faz.

Passo 5: Faça um orçamento e organize-se para levantar os recursos necessários. Um outro passo fundamental é a definição dos recursos, sejam materiais ou financeiros. Eles podem ser obtidos articulando a ação com outros grupos ou através de atividades de arrecadação de recursos. Aqui é fundamental que o grupo use totalmente sua criatividade. Peça a ajuda da comunidade e mobilize pessoas.

Passo 6: Firme um cronograma. Definir um cronograma viável pode ajudar muito no sucesso de sua ação. Comprometa-se em torná-lo realidade.

Passo 7: Preveja a avaliação e os critérios de avaliação. O processo de avaliação começa assim que você inicia a ação. Sem avaliação e organização uma ação não poderá desenvolver-se. Para avaliar, faça uma reunião específica e liste tudo o que deu certo, tudo o que não deu certo e o grau de dificuldade. Verifique qual foi o resultado final para o beneficiado. Registre tudo em uma ata, para facilitar os próximos encontros.



Recurso de Apoio 3: Dinâmicas de planejamento e ação

Oficina 12

Dinâmicas de planejamento e ação

Chuva dos três tempos

Em três painéis ou cartolinas colocar as seguintes palavras: Antes, Durante, Depois. O animador coloca os cartazes na parede e explica que é para lançar idéias sobre coisas que pensam que são importantes para os três tempos de uma determinada ação. Recolhe-se as idéias, cada uma no quadro que pertence, da maior ou menor importância. Depois o grupo avalia e prioriza as idéias.

Parceiros e opositores

Identificado um objetivo, desenha-se quatro níveis de círculos concêntricos. No círculo bem de dentro, deve-se colocar as pessoas e grupos mais interessados na solução do problema ou na concretização do objetivo. No segundo círculo, todos os grupos que poderão simpatizar com a causa, porque estão interessados nos valores ou ligados às pessoas envolvidas. No terceiro círculo, ficam aqueles que poderão ser contatados pontualmente, mas não se empenharão fortemente na causa: possíveis financiadores, alguns meios de comunicação, outras organizações... No círculo de fora, enumeram-se os opositores ao projeto.

Mesas redondas

As mesas redondas são um instrumento para aprofundar um assunto e perceber toda sua importância. Chama-se até três pessoas que vão apresentar vários aspectos da temática a ser debatida. Prepara-se o ambiente: na sala ou auditório, uma mesa com cadeiras suficientes para os participantes da mesa, cartazes sobre o tema, copos e água fresca na mesa. Ao começar os trabalhos, apresentam-se as pessoas convidadas e o porquê se está promovendo a mesa-

Debates

O debate serve para examinar uma questão ambígua ou contraditória. É importante trazer para os debates, os dois ou mais lados da questão.

Estande ou banquinha

Um estande permite coletar assinaturas para uma causa ou distribuir material e informações para o grande público. Escolha-se um lugar e uma hora de boa circulação de pessoas. Tenha-se um cartaz ou faixa com o nome da sua campanha. Balões e bandeirolas podem ajudar a chamar atenção das pessoas.

Caminhadas

As caminhadas tem, geralmente, um bom impacto na opinião pública. Servem também para exercer alguma pressão nas autoridades. Escolha-se um itinerário fácil e comunique-se antecipadamente as autoridades. Preveja-se algumas pessoas para garantir a segurança. Preparem-se faixas, cartazes e bandeiras. A caminhada pode ser silenciosa ou, então, ser realizada com palavras de ordem ou cantos. É importante que a caminhada tenha um encerramento marcante: um encontro, um gesto, a entrega de uma petição ou carta às autoridades.